

Contenção Social e Relações Familiares: Influência da Quarentena na Interação Pais-Filhos

Beatriz Martins Silvério, Maria Paula Pereira Matos

Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), Tubarão, Santa Catarina, Brasil

Submissão: 17 jan. 2023.

Aceite: 14 jun. 2023.

Editor de seção: Marina Xavier Carpena.

Nota dos autores

Beatriz Martins Silvério  <https://orcid.org/0000-0002-9500-8202>

Maria Paula Pereira Matos  <https://orcid.org/0000-0003-4655-1142>

Correspondências referentes a este artigo devem ser enviadas a Beatriz Martins Silvério, Rua Francisco de Assis da Silva, n. 2, Tubarão - SC, Brasil. CEP 88706085. Email: beatrizmartissilveiro@gmail.com

Resumo

Este estudo teve como objetivo identificar a percepção dos pais de alunos matriculados em escolas particulares no município de Tubarão (SC) acerca da influência da quarentena em decorrência da pandemia de Covid-19 na sua interação com os filhos. Trata-se de uma pesquisa de campo em nível exploratório e qualitativo desenvolvida a partir da realização de entrevistas semiestruturadas com dez famílias da cidade. Investigaram-se os seguintes aspectos relacionados ao período de quarentena: mudanças ocorridas na rotina familiar; sentimentos vivenciados pelos pais em sua interação com os filhos; dificuldades encontradas nessa interação; e pontos positivos vivenciados. As entrevistas foram avaliadas a partir do método de análise de conteúdo, sendo determinadas as categorias de análise. Os resultados mostraram mudanças na rotina relacionadas à prática da educação a distância, diminuição do contato social, sobrecarga de atividades e impactos na vida profissional. Com relação aos sentimentos vivenciados pelos pais, destaca-se a dificuldade de identificação deles, além de serem referidos cansaço, culpa e estresse. Como dificuldades encontradas, foram apontadas reações emocionais, adaptação à mudança de papéis, dificuldade em aplicar a educação a distância e filhos mais dependentes. Poucos foram os aspectos positivos vivenciados referidos, sendo eles a aproximação, o amadurecimento e o aumento da demonstração de afeto. Algumas famílias não identificaram aspectos positivos. A partir dos resultados, destaca-se o despreparo dos pais para lidar com as novas contingências e a importância da realização da orientação de pais de forma preventiva, além da necessidade de avaliação do impacto dos métodos utilizados na aplicação da educação a distância.

Palavras-chave: relações pais-filho, Covid-19, pais, quarentena, *homeschooling*

SOCIAL CONTAINMENT AND FAMILY: THE COVID-19 QUARANTINE AND PARENTS-CHILDREN INTERACTION

Abstract

This study aimed identify the perception of parents of students from private schools in the municipality of Tubarão (SC) about the influence of quarantine due the COVID-19 pandemic in their interaction with their children. This is an exploratory and qualitative field research in which several aspects related to the quarantine period were investigated. The results were obtained through content analysis, which showed changes in routine related to distance education, less social contact, overload of activities, and professional impact. As feelings experienced by parents, fatigue, guilt, and stress were mentioned. As difficulties encountered, emotional reactions, adaptation to the change of roles, difficulties with distance education, and increased dependence were pointed out. Few were the positive aspects mentioned. Based on the results, the unpreparedness of parents to deal with new contingencies, the importance of preventive parental guidance, and the need to reevaluate the way distance education is applied were highlighted.

Keywords: parent-child relations, COVID-19, parents, quarantine, *homeschooling*

CONTENCIÓN SOCIAL Y FAMILIA: LA CUARENTENA DE COVID-19 Y LA INTERACCIÓN ENTRE PADRES E HIJOS

Resumen

Este estudio tuvo como objetivo identificar la percepción de los padres de alumnos de escuelas públicas del municipio de Tubarão (SC) sobre la influencia de la cuarentena por Covid-19 en la interacción con sus hijos. Una investigación exploratoria y cualitativa que se desarrolló a partir de entrevistas semiestructuradas con 10 familias. Los resultados se obtuvieron a través del análisis de contenido, que mostró cambios en la rutina, menos contacto social, sobrecarga de actividades e impacto profesional. Los padres mencionaron la fatiga, la culpa y el estrés como sentimientos experimentados. Se mencionaron como dificultades encontradas las reacciones emocionales, la adaptación al cambio de roles, las dificultades con la educación a distancia y el aumento de la dependencia. Se mencionaron pocos aspectos positivos. A partir de los resultados, se pone de manifiesto la falta de preparación de los padres para afrontar nuevas contingencias, la importancia de la orientación parental preventiva y la necesidad de reevaluar la forma en que se lleva a cabo la educación a distancia.

Palabras clave: relaciones padres-hijo, Covid-19, padres, cuarentena, *homeschooling*

No início de 2020, o mundo se deparou com um desafio sem precedentes: o coronavírus, causador da Covid-19. O surto, que se iniciou em dezembro de 2019 em Wuhan, na China, rapidamente disseminou-se por várias regiões do planeta, causando diferentes impactos e muita preocupação. Em termos de gravidade, a epidemia de Covid-19 pode ser comparada a outras severas epidemias já enfrentadas, como a de influenza em 1918, e se apresenta com grande transmissibilidade e gravidade clínica (Freitas et al., 2020). De acordo com a Organização Mundial da Saúde [OMS] (2020), que no dia 30 de janeiro de 2020 declarou emergência internacional relacionada à Covid-19, em apenas três meses após o início do surto, mais de 214 mil casos já haviam sido confirmados ao redor do mundo.

Antes da identificação do patógeno que foi denominado coronavírus 2 da síndrome respiratória aguda grave (SARS-CoV-2), seis espécies de coronavírus já eram conhecidas como causadoras de doenças em humanos (Gao, 2018). Entre elas, duas foram agentes causais de surtos graves de doenças respiratórias em 2002, 2003 e 2012 (Zhong, 2003; Zaki et al., 2012 como citado em Zhu et al., 2020) corroborando a possibilidade do surgimento periódico de novos coronavírus, quando consideradas sua alta prevalência, ampla distribuição e frequente recombinação genética; o patógeno identificado em Wuhan no fim de 2019 foi classificado como uma nova espécie de coronavírus até então não conhecida: SARS-Cov-2 (Zhu et al., 2020).

O coronavírus faz parte de um grupo de vírus que provoca infecções respiratórias. A Covid-19, causada por ele, apresenta como sintomas mais comuns tosse, febre, coriza, dor de garganta e dificuldade para respirar. Seus efeitos vão de resfriado a pneumonia severa (Ministério da Saúde, 2020c), e estudos recentes demonstram que os efeitos ultrapassam a infecção respiratória, podendo causar sequelas neurológicas, de saúde mental, cardíacas, no olfato e no paladar, vasculares, cutâneas, respiratórias e gastrointestinais (Aguilar et al., 2022). Em alguns casos, pode levar a graves problemas que podem ser fatais (Xu et al., 2020).

A transmissão da Covid-19 ocorre principalmente por contato direto com saliva expelida por quem está contaminado, mas também pode acontecer pelo contato com objetos ou superfícies onde o vírus esteja presente. O surto de coronavírus motivou a sexta Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (Espii) declarada pela Organização das Nações Unidas, a ONU, sendo esta a de maior repercussão expressiva devido ao seu caráter extraordinário e ao potencial de propagação da doença entre as regiões do mundo (Ventura, Aith & Rached, 2021).

Em 26 de fevereiro, o Brasil confirmou seu primeiro caso de contaminação por coronavírus em um homem de 60 anos que havia viajado recentemente para a Itália. Naquela época, o Ministério da Saúde ainda não considerava o coronavírus como uma ameaça importante, alegando que a transmissão e o contágio não seriam significativos, visto que o país não passava pelo inverno naquele momento, como era o caso da maioria dos países que já enfrentavam altos índices de contaminação (Ministério da Saúde, 2020a). A essa altura, já haviam sido confirmados 8.230 casos no mundo (OMS, 2020).

A OMS declarou pandemia de coronavírus 14 dias após a confirmação do primeiro caso. Nos primeiros dias, a transmissão foi relativamente baixa, mas teve crescimento exponencial nos

meses seguintes. Após intensa batalha contra o vírus e suas variantes, ao fim de 2022 o Brasil apresentava 3.633.128 casos confirmados de Covid-19, com 693.853 óbitos e 34.938.186 casos recuperados. Todos os estados notificaram casos de contaminação (Ministério da Saúde, 2020d). Em escala mundial, a pandemia em decorrência do coronavírus se tornou um dos maiores desafios do século.

Com o avanço da transmissão comunitária, diversos países e a OMS recomendaram que medidas de contenção social fossem praticadas (Marques, Moraes, Hasselmann & Reichenheim, 2020). Assim, no dia 6 de fevereiro de 2020, já em meio ao combate à transmissão do vírus, o governo brasileiro decretou estado de quarentena por meio da Lei n. 13.979/2020 (2020), tendo como objetivo a proteção da coletividade (art. 1º §1º) – a medida, inclusive, chegou a ser referida como um “AI-5 sanitário” por suas medidas restritivas (Ventura et al., 2021).

Em março, menos de um mês após o decreto, foram regulamentados os critérios que deveriam ser aplicados pelas autoridades de saúde locais com o objetivo de evitar a dispersão do vírus pelo país. De acordo com a Portaria nº 356, de 11 de março de 2020, publicada no *Diário Oficial da União*, determinou-se o isolamento de pessoas que fossem classificadas como caso suspeito, confirmado ou provável, passando por investigação laboratorial e clínica. O isolamento deveria ser feito em ambiente domiciliar ou hospitalar, conforme recomendação médica, durante um período de 14 dias, podendo ser estendido. Também adotou-se a medida de quarentena, aplicada pelas secretarias de saúde do Estado, do município, do Distrito Federal, ministro de Estado da saúde ou superiores em cada nível de gestão. Essa medida deveria ser adotada por um prazo de 40 dias, tendo sido estendida posteriormente (Ministério da Saúde, 2020b).

A fim de fortalecer tais medidas, no dia 21 de março, o presidente da República determinou quais serviços essenciais não deveriam ser suspensos pelas medidas de contenção social. Entre eles, estavam a assistência à saúde, a segurança pública, o fornecimento de água, coleta de esgoto e lixo, fornecimento de energia elétrica e gás, iluminação pública, serviços postais e fiscalização ambiental. No dia seguinte, autorizou-se a suspensão dos contratos de trabalho por quatro meses (Legislação Covid-19, 2020).

Diferentemente do conceito de isolamento, que se refere à separação de indivíduos contaminados dos demais, a quarentena diz respeito ao resguardo de pessoas saudáveis, tendo ou não tido contato com o vírus, além de restrições quanto ao funcionamento de qualquer atividade que envolva aglomeração de pessoas (Brooks et al., 2020). Sendo assim, após a implementação da “lei de quarentena”, os estados determinaram o fechamento de escolas, igrejas, comércios, praças e tudo o que envolvesse uma possível transmissão, e a população foi orientada a praticar o distanciamento social, permanecendo em quarentena nas suas casas (Vasconcelos et al., 2020).

Em Santa Catarina, as medidas de contenção social iniciaram-se no dia 17 de março, quando o governador decretou que estavam suspensas por 30 dias, a partir do dia 19, as aulas em todas as unidades de ensino, missas e cultos religiosos, e eventos e atividades com aglomeração de pessoas. Concomitantemente, foram suspensas a circulação do transporte coletivo, atividades e serviços não essenciais (como shoppings, academias, restaurantes e comércio em geral) e a

entrada de novos hóspedes no setor hoteleiro. No dia 19, também foi proibida a permanência de pessoas em espaços públicos de uso coletivo. Tais decretos foram prorrogados diversas vezes de acordo com o avanço da contaminação (Covid-19 – Decretos Estaduais, 2020).

As medidas de contenção social aplicadas devido à pandemia impactaram significativamente a vida em sociedade. As paralisações afetaram a economia, e, apesar de medidas governamentais que visavam a manutenção dos empregos como a suspensão temporária de contratos de trabalho terem sido implementadas, 5 milhões de postos de trabalho foram perdidos nos primeiros meses de 2020. Os mais afetados foram os trabalhadores informais, que constituíam 3,7 milhões dos postos perdidos – três quartos da população atingida pelo desemprego (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2020).

Os trabalhadores não demitidos precisaram se adaptar à nova realidade – o *homeoffice*. Esse foi um grande desafio para eles, já que era necessário aprender a trabalhar de forma mediada pela tecnologia e organizar as equipes de modo diferente. Além disso, era preciso estabelecer um limite entre a vida pública e a particular (Brant & Mourão, 2020).

Com a instabilidade geral e o risco do desemprego, a necessidade de subsistência e a sobrecarga por atividades domésticas, cuidados parentais, trabalho fora de casa ou mesmo o *homeoffice* se tornaram estressores significativos, somados a pouco ou nenhum espaço que permitisse o exercício da individualidade (Melo et al., 2020). Essa nova forma de trabalhar não é mais regulada pelo cumprimento das horas, mas pelo cumprimento de metas; e o controle dos gestores sobre os trabalhadores deixa de ser limitado pela vida pública e invade a particular, visto que o trabalhador precisa se manter disponível e responsivo, evitando qualquer impressão de ócio, apesar de as tarefas domésticas e relações familiares serem concorrentes diretos pelo seu tempo (Brant & Mourão, 2020).

Não apenas os adultos foram afetados pelas medidas de contenção social. De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura [Unesco] (2020), aproximadamente 1,5 bilhão de crianças e adolescentes deixaram de frequentar a escola devido às medidas. Universidades e creches também tiveram suas atividades suspensas, e a educação a distância apresentou-se como nova realidade.

Em mais de 60 países, o modelo do *homeschooling* já é uma prática a bastante tempo, e, nesses casos, os pais saíram em vantagem. No Brasil, entretanto, o ensino domiciliar não era permitido desde a decisão da Corte com caráter de repercussão geral em setembro de 2018 (Recurso extraordinário com agravo n. 778141, 2018), o que causou despreparo do sistema educacional e das famílias para a experiência do ensino domiciliar. Apenas em maio de 2022 a proposta de regulamentação da prática chegou ao Senado brasileiro para avaliação após aprovação pela Câmara do Projeto de Lei 1338/2022, que regulamenta a prática do *homeschooling* no ensino básico – ainda em tramitação (Projeto de Lei n. 1338, 2022).

Nesse modelo, a educação acontece no âmbito privado, e, geralmente, as crianças são orientadas por seus cuidadores (Brito et al., 2020). Entretanto, algumas diferenças existem entre como o movimento *homeschooling* se constitui e a realidade vivida em decorrência da pandemia.

Originalmente, a educação no lar é uma iniciativa dos pais, que optam por esse modelo tendo como o principal motivo sua insatisfação com a educação escolar. Dessa forma, a família é totalmente responsável pela formação acadêmica da criança, estando a seu critério seguir ou não um currículo formal (Barbosa & Evangelista, 2017), sem a necessidade de estar diretamente vinculada a uma escola. Diferentemente do modelo da educação domiciliar, ou *homeschooling*, a forma como os níveis de ensino passaram a ser aplicados em decorrência das medidas de contenção social tem amparo no decreto Nº 9.057, de 25 de maio de 2017. Ou seja, educação a distância, que será o termo utilizado neste artigo para se referir à prática educacional adotada durante o período pandêmico. A prática do *homeschooling* cabe aqui como plano de fundo, por ser a mais próxima do modelo educacional adotado neste contexto.

Assim, a educação a distância não é regida por critérios familiares nem depende do interesse destes em aplicar esse formato, mas é regida pelas orientações do Ministério da Educação. Nas aulas domiciliares, os ambientes virtuais de aprendizagem e videoaulas são utilizados como ferramentas; cuidadores e professores precisam trabalhar em conjunto na educação das crianças (Brito et al., 2020).

Para os anos iniciais do ensino fundamental, roteiros práticos e estruturados de atividades deveriam ser seguidos sob orientação dos pais e direção dos professores. Dos anos finais do ensino fundamental ao ensino médio, a educação virtual ganha mais espaço devido a maior autonomia dos estudantes, devendo, entretanto, ainda ocorrer sob supervisão e orientação dos pais (Ministério da Educação, 2020).

Nesse cenário, a maior parte da população passou a ficar em suas casas em período integral (Marques et al., 2020). Em revisão das evidências acerca do impacto psicológico da quarentena com base em surtos virais anteriores, a sensação de isolamento do resto do mundo, tédio e frustração foram associados ao confinamento, à perda da rotina habitual e à diminuição do contato social e físico com outras pessoas, o que foi gerador de angústia para os participantes do estudo. Também constatou-se maior prevalência de respostas emocionais negativas, como medo, tristeza, irritabilidade, insônia, ansiedade, raiva, humor baixo, entre outros (Brooks et al., 2020). Vasconcelos et al. (2020) também apontam estresse, ansiedade, medo e raiva como efeitos do isolamento social. Tanto a quarentena quanto o isolamento vivido desde a disseminação da Covid-19 vêm tendo efeitos psicológicos pontuais, mas que também podem ser considerados no longo prazo (Rubin & Wessely, 2020).

Enquanto muito se discute a respeito do vírus e de seu combate, as consequências do distanciamento social no relacionamento familiar, especialmente entre pais e filhos, têm recebido pouca atenção por parte dos pesquisadores e comitês de crise dedicados ao enfrentamento do coronavírus (Marques et al., 2020). O contexto vivido pelas famílias nesse período afetou significativamente sua dinâmica, com pais ou cuidadores de diversas partes do mundo enfrentando o desafio de conciliar o *homework* (quando possível) às tarefas domésticas, à sobrecarga de trabalho, ao estresse vivido pelo momento e ao cuidado com os filhos. Crianças e adolescentes, por sua vez, manifestaram natural irritação devido à falta de mobilidade, à ausência do contato com os

outros familiares, amigos e à interrupção da rotina escolar, o que pode levar a comportamentos mais agressivos e desobedientes (Marques et al., 2020).

De modo geral, percebe-se que as interações entre os membros da família são afetadas pelo contexto vivenciado por seus membros, podendo perdurar por períodos de crise ou reorganização, uma vez que há relação entre as variações ambientais e o comportamento dos cuidados, crianças (Leme & Bolsoni-Silva, 2010 como citado em Rocha & Gurgel, 2018). Uma família pode ser compreendida como um grupo de pessoas que interagem e agem conjuntamente, formando um grupo social que objetiva desenvolver habilidades de cuidado e proteção mútua entre seus membros. No entanto, considerando inúmeras diversidades culturais, esse entendimento não é absoluto entre os estudiosos da psicologia e sociologia (Banaco, 2008). Assim, em termos de comportamento, a família também pode ser entendida como um sistema no qual as atitudes de cada membro afetam os outros, sendo este um contexto essencial de aprendizado.

Nesse contexto, para a maioria das crianças, os pais são os principais agentes socializadores durante os primeiros anos de vida, modelando atitudes que sejam coerentes com as normas sociais (Schofield & Abraham, 2017). Como observadoras do que acontece ao seu redor, as pessoas têm como modelo aquilo que é observado, e as crianças em especial têm como modelo principal os seus pais ou cuidadores (Bandura & Watts, 1996). Partindo da imitação do comportamento adulto observado, aprendizagens são geradas com suporte no contato social (Bandura, 1986).

O contexto familiar envolve diversas contingências: relação de pelo menos dois indivíduos entre si, relações de outros indivíduos quanto a essa, relações de outros grupos sociais com este grupo etc. Os indivíduos que fazem parte do grupo atuam sobre o contexto familiar produzindo consequências sobre os comportamentos dos outros membros da família (Banaco, 2008). Regidos por suas próprias contingências, cada grupo familiar possui seu funcionamento específico, a partir dos comportamentos de cada membro, e, apesar de serem estruturalmente distintas, as famílias geral e idealmente oferecem suporte afetivo para seus integrantes, favorecendo um desenvolvimento saudável (Teodoro & Baptista, 2020).

Enquanto sistema, a família funciona a partir de estruturas reguladoras que proporcionam estabilidade, necessitando adaptar-se às novas situações apresentadas (Salvador et al., 2016). Ela desempenha importante mediação entre indivíduo e sociedade, em especial no que concerne aos sentimentos de instabilidade diante das relações e promove consolidação dos potenciais de adaptação ao meio (Teodoro & Baptista, 2020). Entretanto, para um indivíduo, a família pode ser tanto um suporte quanto um estressor. No caso de ser estressor, isso dificulta o enfrentamento de crises e desajusta o cumprimento das funções familiares (Marshall & Henderson, 2014).

Dessa forma, o distanciamento social foi uma medida que intensificou o convívio familiar, considerando que, em muitos casos, havia uma rede de apoio no cuidado com as crianças (creches, escolas, serviços de saúde, avós e tios) com a qual se perdeu o contato (Melo et al., 2020). Atividades escolares, profissionais, domésticas e de lazer passaram a ser realizadas em

um mesmo espaço por toda a família, o que diminui a possibilidade de momentos dedicados ao ócio, ao descanso, aos relacionamentos e à reabilitação física e mental (Brant & Mourão, 2020).

O contato constante dentro do lar pode propiciar o aumento das tensões e conflitos, favorecidos por estressores característicos do cenário de pandemia. As demandas educacionais das crianças exigem tempo de dedicação dos adultos que as auxiliam, e o estresse parental gerado pela sobrecarga de responsabilidades e impactos psicológicos decorrentes da quarentena podem provocar ansiedade, irritabilidade e menor paciência para atender às necessidades das crianças. Elas também podem apresentar-se mais estressadas pelas restrições de mobilidade, de contato com os pares e outras pessoas importantes, tendo comportamentos agressivos como resposta às demandas externas. Elas também podem apresentar outras alterações comportamentais como dificuldades de concentração, irritabilidade, medo, inquietação, tédio, sensação de solidão e alterações no padrão de sono e alimentação, que são decorrências do cenário pandêmico (Melo et al., 2020).

Assim, considerando a natureza sem precedentes do contexto pandêmico decorrente da Covid-19, esta pesquisa se propôs a responder à seguinte questão: qual a percepção de pais de alunos de escolas privadas do município de Tubarão a respeito da influência da quarentena em decorrência da pandemia de Covid-19 na sua interação com os filhos? Para alcançar esse objetivo, buscou-se identificar os seguintes aspectos relacionados ao período de quarentena: as mudanças ocorridas na rotina familiar, os sentimentos vivenciados pelos pais em sua interação com os filhos, e as dificuldades e aspectos positivos encontrados nessa interação durante esse período.

Método

Este estudo foi conduzido como uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa e caráter exploratório. Enquanto pesquisa de campo, visou “conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual se procura uma resposta, [...] ou descobrir novos fenômenos ou a relação entre eles” (Lakatos & Marconi, 2005, p. 83), sendo característica desse método a coleta de dados (Fonseca, 2002).

A fim de proporcionar maior familiaridade com o problema, a pesquisa exploratória intenta torná-lo mais explícito. Esse método é utilizado quando ainda se tem poucos dados científicos a respeito do assunto em questão (Gil, 2002).

A abordagem dessa pesquisa é considerada qualitativa, pois esse tipo de pesquisa “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social [...]” (Gerhardt & Silveira, 2009, p. 31), estando interessada “na história dos eventos e nas suas interdependências” (Rauen, 2018, p. 190).

Participantes

A amostra deste estudo foi constituída por dez famílias, cada uma composta por dois adultos responsáveis – pai, mãe e filho(s). Embora ambos os adultos tenham sido convidados a

participar da entrevista, em todas as famílias, apenas as mães foram entrevistadas por uma questão de disponibilidade. A seleção dos participantes baseou-se em critérios de inclusão que pressupunham pessoas dos sexos masculino e feminino que tivessem filhos de 6 a 10 anos matriculados em uma escola particular da cidade de Tubarão. Não havia maiores critérios de exclusão, sendo esta uma amostra por acessibilidade. A caracterização da amostra está retratada na tabela 1.

Tabela 1

Caracterização da amostra

Participante	Sexo	Profissão	Prof. do Cônjuge	Número de filhos	Idade dos filhos
E1	Fem.	Advogada	(Solteira)	2	8 e 10
E2	Fem.	Assistente de educação	Assistente Social	2	8 e 12
E3	Fem.	Coaching materna autônoma	Mecânico Industrial	2	8 e 3
E4	Fem.	Não exerce uma profissão	Gerente de Mercado	2	7 e 11
E5	Fem.	Esteticista autônoma	(Solteira)	1	7
E6	Fem.	Não exerce uma profissão	Dentista	1	6
E7	Fem.	Cabeleireira e manicure	(Solteira)	1	8
E8	Fem.	Professora auxiliar	Operário	2	7 e 11
E9	Fem.	Não exerce uma profissão	Radialista	2	4 e 7
E10	Fem.	Administradora de condomínio	Caminhoneiro	1	6

Fonte: Elaboração da autora, 2023.

Instrumentos e procedimentos

Os participantes foram contatados e convidados a participar da pesquisa via telefone. Após o aceite, foram feitos todos os esclarecimentos necessários quanto aos objetivos da pesquisa, questões éticas como sigilo, anonimato, autonomia, riscos e benefícios, bem como os procedimentos que ocorreriam durante e posteriormente à entrevista. Então, coletaram-se as assinaturas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Em seguida, foram realizadas as entrevistas com base em um roteiro semiestruturado composto por perguntas abertas relacionadas aos objetivos da pesquisa, sendo algumas delas: “como o período de isolamento foi e/ou tem sido vivido em sua casa?”; “como costumava ser a rotina de sua família antes do período de isolamento?”; “você acha que o isolamento interferiu na sua forma de interagir com seus filhos?”; “quais foram, na sua percepção, as dificuldades encontradas na interação com seus filhos durante a quarentena?” etc. Os participantes foram encorajados a fornecer informações adicionais sempre que desejassem. Todas as entrevistas aconteceram presencialmente com duração média de 40 minutos, respeitando os protocolos sanitários em vigência de distanciamento mínimo entre pessoas, assim como o uso de máscaras e a ventilação do ambiente. As entrevistas tiveram gravação de áudio, e o sigilo foi preservado pela realização em ambiente apropriado.

A coleta iniciou-se após submissão e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul, sendo norteada pelas exigências previstas nas resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, com aprovação sob o número de parecer 4.174.040.

Tratamento e Análise de Dados

As entrevistas foram transcritas e analisadas a partir da técnica de Análise de Conteúdo, sendo esta “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (Bardin, 1997 como citado em Campos, 2004, p. 612). Após essa etapa, o material foi recortado para as unidades de significação e determinação das categorias de análise.

Resultados

Visando identificar a percepção das entrevistadas com relação à influência da quarentena em decorrência da pandemia de Covid-19 na sua interação com os filhos, as entrevistas foram analisadas a partir de aspectos específicos relacionados a essa interação, apresentados a seguir.

Mudanças na rotina familiar

O primeiro aspecto analisado foi o das mudanças ocorridas na rotina familiar durante o período de quarentena. Nesse quesito, destacam-se como categorias apresentadas pelas entrevistadas educação a distância, diminuição do convívio social, sobrecarga de atividades e impactos na vida profissional.

A prática da educação a distância sobressaiu-se entre as categorias, pois foi apontada em todas as entrevistas. Esse já era um resultado esperado, considerando que, de acordo com os decretos governamentais já citados, a educação domiciliar foi imposta a todos os alunos. Em todas as famílias entrevistadas, notou-se que as escolas onde os filhos estudavam adotaram um modelo misto, composto tanto por aulas ministradas por videoconferência síncrona quanto por videoaulas gravadas e disponibilizadas posteriormente. Esse modelo implica um envolvimento maior dos pais ou responsáveis à formação escolar dos filhos, ocupando boa parte da rotina diária da família. Evidencia-se esse ponto pelas seguintes falas das participantes: “passo quatro horas por dia sendo professora” (Entrevistada 1); “a gente precisou criar um ambiente para eles assistirem às aulas” (Entrevistada 4); “eu tinha que ficar nas tarefas da escola, nas videoaulas com ela” (Entrevistada 7).

A diminuição do convívio social foi representada nas entrevistas por aspectos como a falta de contato dos filhos com outras crianças e da família com a comunidade religiosa (pela restrição de frequentar a cultos) e com membros da família extranuclear. Como característica comum de um processo de quarentena, esse aspecto também esteve presente em surtos virais anteriores, como SARS, ebola, influenza H1N1 e síndrome respiratória do Oriente Médio. Tal

condição pode causar sensação de isolamento do resto do mundo, e a frustração pode ser agravada pela impossibilidade de participar das atividades habituais do dia a dia (Brooks et al., 2020).

Cabe salientar que, com relação a essa diminuição do convívio social, os elementos apresentados nas entrevistas representam significativo valor de suporte emocional, e constituem, em geral, contextos com alta produção de reforçadores, o que aponta a importância de considerar essa perda. Como exemplo, temos as seguintes falas das participantes: “sentem falta dos amiguinhos, de brincar com outras crianças” (Entrevistada 1); “na igreja a gente não está indo mais” (Entrevistada 7); “não estão vendo principalmente a mãe e o pai (avós) porque eles são do grupo de risco” (Entrevistada 10).

Nove das dez entrevistas realizadas apresentaram a sobrecarga de atividades como uma mudança significativa na rotina, com destaque em frequência nas famílias constituídas por mães que assumiam a maior parte das responsabilidades da parentalidade, sendo os pais ausentes. Estudo realizado no início do surto na China indicou que poderia haver maior impacto psicológico sobre as mulheres, em que os níveis de estresse vinham se manifestando de forma aumentada (Wang et al., 2020). Ainda nas famílias entrevistadas em que o pai era presente, a sobrecarga de atividades se mostrou ainda mais imposta à mulher, que é responsável pela aplicação da educação a distância, pelos cuidados da casa, pelo preparo da alimentação e, em alguns casos, pelo *homeoffice*. Portanto, vale considerar, no caso das figuras parentais femininas, a possibilidade da relação entre essa sobrecarga e os níveis aumentados de estresse: “essa sobrecarga geralmente é só sobre a mulher, 99% em cima da mulher” (Entrevistada 1); “como eu sou solteira, eu fiquei com a casa, com o trabalho, com a escola... É tudo pra mim, né? Não tenho com quem dividir as tarefas” (Entrevistada 7).

Como já apontado, essa categoria está relacionada com a prática da educação a distância, pelas demandas envolvidas. Na fala das participantes: “estamos acostumados a fazer no máximo as atividades diárias, uma atividade ou duas, não na quantidade em que é proposta agora, né?” (Entrevistada 1); “tiveram vários dias em que se você chegasse na minha casa exatamente nesse horário, eu estaria com tudo ali, às vezes até o meu almoço estaria em cima da mesa porque eu tinha que estar dando atenção para eles (filhos em aula)” (Entrevistada 4).

Os impactos na vida profissional foram apresentados em oito das dez entrevistas, tendo sido sentido pela perda do emprego, pela prática do *homeoffice*, pela diminuição da demanda de trabalho, pela dificuldade em conciliar o trabalho com o cuidado dos filhos etc.: “estou em *homeoffice* o tempo inteirinho” (Entrevistada 1); “de manhã eu não consigo trabalhar porque tenho que dividir o computador com o meu filho, ele tem que fazer as aulas, né?” (Entrevistada 3); “eu fiquei um tempo sem trabalhar e quando voltou ninguém mais queria fazer cabelo, fazer unha, aí todo mundo sumiu” (Entrevistada 7); “eles me demitiram” (Entrevistada 9); “eu trabalhava em uma empresa de eventos, e essa empresa acabou fechando” (Entrevistada 10).

Considerando a amostra de participantes, infere-se que esse aspecto também foi mais sentido pelas mulheres. Como observado no quadro de caracterização desta pesquisa, apenas mães participaram das entrevistas porque, em todos os casos, os pais estavam trabalhando,

enquanto elas estavam sem trabalho ou em *homeoffice*. Pouco foi o impacto sobre os pais no aspecto profissional, sendo maior a mudança de rotina para as mães.

Além das categorias acima apresentadas, que se destacam por sua frequência nas respostas, outras cinco categorias surgiram como resultado da análise, sendo elas: o aumento no uso de eletrônicos; a necessidade de cuidados preventivos com relação ao vírus; o confinamento; maior tempo de convívio familiar; e a diminuição do tempo para o desenvolvimento pessoal dos pais.

Sentimentos vivenciados pelos pais na interação com os filhos

Com relação aos sentimentos vivenciados pelos pais na interação com os filhos durante o período de quarentena, destacam-se as seguintes categorias: dificuldade em reconhecer os próprios sentimentos; cansaço; culpa; e estresse.

Quando questionadas sobre os sentimentos experimentados, as participantes encontraram dificuldade em identificá-los, como demonstrado nas seguintes falas: “não sei muito o que falar” (Entrevistada 2); “não consigo identificar” (Entrevistada 5); “eu... Assim, não sei se eu consigo te... É...” (Entrevistada 8). As respostas sempre estavam mais relacionadas a como as crianças estavam passando pelo período de quarentena e pouco sobre o que as entrevistadas vinham experimentando, o que se relaciona com as mudanças na rotina, visto que as mães relataram diminuição do tempo para o autocuidado e desenvolvimento pessoal, que leva à pouca identificação de suas necessidades. Além disso, fica evidente a compreensão limitada das participantes com relação à importância de identificar as contingências envolvidas nas relações familiares. Como apontado por Banaco (2008), essas relações envolvem contingências diversas que configuram o funcionamento desse grupo. Assim, a inabilidade dos pais em reconhecer seus comportamentos privados, a forma como estes são afetados pelo comportamento dos outros membros da família e do contexto social e como também os afetam, por vezes dificulta sua compreensão dessa dinâmica familiar.

O cansaço referido enquanto categoria representa não somente o físico decorrente da sobrecarga de atividades, mas também um cansaço mental resultante das demandas apresentadas pela quarentena, sendo a exaustão emocional um fator já previsto em estudos anteriores (Brooks et al., 2020). O mesmo pode ser ilustrado pelas seguintes falas das participantes: “tem momentos em que fica realmente cansativo” (Entrevistada 1); “é muito cansativo você ficar mandando fazer” (Entrevistada 4); “o cansaço, né? O cansaço triplicado... Triplicado!” (Entrevistada 7).

Apesar de vários estudos relatarem o sentimento de culpa como decorrência do contexto de quarentena (Brooks et al., 2020; Vasconcelos et al., 2020), em geral, ele está relacionado com a exposição a uma possível contaminação ou transmissão. Nesse caso, ele aparece diretamente relacionado à interação com os filhos: “pode ser que eu tenha culpa, né?” (Entrevistada 7, com relação às mudanças no comportamento da filha); “não sei se eles estavam agitados porque eu estava agitada” (Entrevistada 8); “eu sempre me cobro muito, e muitas vezes já senti que não

era uma boa mãe” (Entrevistada 10). De acordo com as entrevistas, as mães sentem-se culpadas e de algum modo responsáveis pelo comportamento das crianças, que sofreu alterações com a mudança das contingências, por não conseguirem brincar com os filhos ou por passarem pouco tempo com eles.

O estresse destaca-se por sua frequência nas respostas, e aparece relacionado à sobrecarga de atividades, às demandas da prática da educação a distância e às dificuldades encontradas na interação com os filhos, sendo este um aspecto também previsto em outros estudos anteriores (Brooks et al., 2020; Vasconcelos et al., 2020). Esse aspecto é ilustrado pelas seguintes falas: “o estresse acaba sendo um pouco maior” (Entrevistada 3); “cada vez que o professor inventa alguma coisa eu fico mais estressada ainda” (Entrevistada 5); “dá vontade de chutar o balde e ficar sozinha” (Entrevistada 9).

Além dessas, outras sete categorias foram apresentadas: incompetência, sobrecarga, pressão, frustração, impaciência, preocupação e ambivalência. Esta última relaciona-se diretamente com a categoria “dificuldade em reconhecer os sentimentos”. Várias participantes apresentaram falas ambivalentes quanto à sua interação com os filhos em quarentena, apresentando tanto uma satisfação pela aproximação com eles quanto os efeitos negativos decorrentes do período de confinamento. As falas da Entrevistada 2 ilustram esse aspecto: “em alguns momentos tem sido prazeroso”; “acaba gerando algum tipo de estresse, né?”; “sinto raiva”; “me sinto satisfeita”; “sinto estresse”; “me sinto bem mais feliz com elas nesse tempo em casa”; “aquilo vai causando um estresse”; “teve algum estresse, mas foi mais positivo do que negativo”.

Cabe destacar que não foram apresentados sentimentos positivos, e todas as categorias expressaram sentimentos negativos. Sentimentos positivos foram indicados apenas em contextos de falas ambivalentes, como apontado anteriormente.

Dificuldades encontradas na interação com os filhos

De acordo com a percepção das participantes, algumas categorias se destacam com relação às dificuldades encontradas na interação com seus filhos durante o período de quarentena, sendo elas: reações emocionais, adaptação à mudança de papéis, dificuldades em aplicar a educação a distância e filhos mais dependentes.

As reações emocionais estiveram bastante presentes nas entrevistas, denotando uma inabilidade dos pais em lidar com aspectos comportamentais dos filhos com os quais não tinham tanto contato anteriormente, levando a conflitos: “não estou tendo tanta paciência” (Entrevistada 7); “às vezes acabo até perdendo a paciência com ela” (Entrevistada 5); “estou tendo atrito com meu marido por causa das aulas e da educação dos meninos” (Entrevistada 9).

Nesse contexto, a sobrecarga de atividade pode reduzir a capacidade dos pais de lidar com os conflitos. Assim, o aumento da tensão nas relações interpessoais pode tornar mais frequentes as respostas emocionais ou comportamentos disruptivos (Marques et al., 2020).

Não apenas as mães apresentaram reações emocionais diante das novas contingências. As crianças também tiveram comportamentos mais irritadiços, agressivos e desobedientes:

“ficavam medindo força, me desafiando” (Entrevistada 1); “o filho se mostra, vai mostrando a sua personalidade, e às vezes a gente não está preparado para isso” (Entrevistada 2); “bate o pé, fica brava” (Entrevistada 7). Para Marques et al. (2020), isso se deve à redução do contato social e à restrição de mobilidade. Entretanto, devemos considerar que os membros da família influenciam uns aos outros em sua interação, e que as mudanças no repertório comportamental de um dos membros desencadeiam alterações ambientais no repertório dos outros (Banaco, 2008). Assim, as próprias relações devem ser somadas aos outros fatores ambientais para que possamos compreender seu funcionamento.

Com a prática da educação a distância, os pais precisaram assumir um novo papel na interação com os filhos: o de professor. As entrevistadas relataram dificuldades tanto delas quanto dos filhos na adaptação a esse novo papel: “eles não aceitavam a minha função professora, ‘tu não é professora que vai nos ensinar, tu é só a mamãe’” (Entrevistada 1); “faço agora as atividades diárias que não faziam parte do nosso cotidiano. Não tinha isso, e acho que foi a maior dificuldade” (Entrevistada 2); “a gente não é professora, né? As mães não são professoras, então é mais difícil” (Entrevistada 7).

A Unesco (2020) aponta que nem todas as famílias possuem habilidades, tempo e recursos para operar o ensino remoto, e que existem barreiras gigantescas. Entretanto, uma delas também envolve diretamente a mudança de ambientes e papéis. Esse aspecto fica claro na fala da entrevistada 2:

A gente pensa que o filho é uma extensão da gente, e indicamos o que eles têm que fazer. A gente coordena tudo, tem posse disso tudo [...], mas eles vão pra escola e lá eles vão sem a gente. Lá a gente não domina e eles fazem do jeito que eles querem. [...] E aí quando vem pra dentro de casa, a gente espera que o que a gente determina seja cumprido. A gente projeta uma coisa, de que teu filho vai sentar e fazer as atividades, mas quanto tu vê, ele está fazendo outra coisa.

Essa categoria se relaciona diretamente com a dificuldade em aplicar a educação a distância, apontada como a principal dificuldade. Esse aspecto foi referido durante toda a duração das entrevistas, e em todas elas. Aqui, as dificuldades apresentam-se em diferentes aspectos: na realização de atividades diferenciadas, no tempo necessário para acompanhamento das aulas e tarefas, ou mesmo relacionadas aos conhecimentos acadêmicos: “eu não consigo explicar direito, do mesmo jeito que a professora” (Entrevistada 3); “eu não sabia se tinha que explicar da forma como eu aprendi ou da forma como a professora estava ensinando” (Entrevistada 4); “Eu não sabia escrever emendado. Tive que aprender para ajudar minha filha” (Entrevistada 7). Assim, dificuldades objetivas e relacionais refletem despreparo dos pais para lidar com as demandas impostas pela educação a distância.

Outra dificuldade apresentada enquanto categoria é uma maior dependência por parte dos filhos: “como eles não têm atenção de outras pessoas, acabam exigindo mais atenção de mim. Fazem uma compensação, né?” (Entrevistada 1); “a pequena pede atenção o tempo todo, e

os dois ficam chamando ao mesmo tempo” (Entrevistada 3); “ela está numa fase bem grude. Isso foi uma coisa que mudou [...], essa necessidade de a gente estar ali fisicamente, sabe?” (Entrevistada 6). Como já apontado anteriormente, o cenário pandêmico pode causar alterações comportamentais nas crianças em função do sentimento de solidão, insegurança e contato social reduzido (Melo et al., 2020), fazendo com que a relação com os pais seja, idealmente, a fonte de segurança e socialização.

Diante dessas dificuldades, as entrevistadas relataram terem buscado informações e instruções sobre educação de filhos, atividades escolares e formas mais adequadas de lidar com os desafios da quarentena. No início do surto viral, vários materiais foram produzidos no intuito de orientar os pais (Marques et al., 2020) com relação a esses mesmos aspectos. Entretanto, o acesso a informações semelhantes só aconteceu após iniciativa de busca das mães, ao se depararem com o despreparo. Desde o início da pandemia, várias recomendações foram feitas com relação à importância da transmissão massiva de orientações e informações quanto à prevenção contra a contaminação pelo vírus (Vasconcelos et al., 2020; Brooks et al., 2020), entretanto, essa postura não foi adotada no que se refere às orientações aos pais. Isso se reflete no fato de não haver materiais de orientação anteriores ao confinamento e suas consequências, e de sua transmissão não ser efetiva.

Além dessas, outras quatro categorias foram apresentadas, sendo elas: a necessidade de buscar orientação, o pouco tempo para interação, crianças agitadas e filhos desestimulados. Vale destacar que, quando questionadas sobre como eram seus relacionamentos com os filhos, as participantes preocupavam-se em demonstrar que eram rigorosas em sua forma de educar, apresentando as formas de disciplina que costumavam utilizar, para só então abordar as dificuldades encontradas na interação com as crianças. Isso corrobora a percepção de Banaco (2008) de que, por vezes, os pais assumem o controle aversivo como resposta de esquiva de avaliações negativas com relação ao seu desempenho como pais. É possível que as mães participantes tenham se sentido avaliadas no contexto da entrevista, em decorrência do teor das perguntas realizadas, o que levou ao comportamento apresentado acima.

Aspectos positivos vivenciados na interação com os filhos

Com relação aos aspectos positivos vivenciados na interação com os filhos, quatro categorias foram identificadas: aproximação, aumento na demonstração de afeto, amadurecimento, e não identificação de aspectos positivos.

A aproximação foi referida como consequência do aumento do tempo de convívio familiar e da necessidade de interação: “nós acabamos de alguma forma nos aproximando mais, né?” (Entrevistada 1); “essa situação toda fez com que a gente interaja mais, né?” (Entrevistada 4); “a gente passou a ficar um pouco mais unida” (Entrevistada 5).

De forma semelhante, o maior tempo de convivência também foi apontado como responsável pelo aumento na demonstração de afeto: “a gente abraça mais, tem mais tempo para dizer ‘eu te amo’... A demonstração de afeto com certeza aumentou. Tem mais tempo para isso

e acaba aumentando” (Entrevistada 2); “a amorosidade... Estar recebendo isso o tempo todo” (Entrevistada 6); “eu sempre procuro estar beijando ele, fazendo carinho nele” (Entrevistada 9).

Com o passar do tempo, durante a quarentena, as participantes também perceberam amadurecimento das crianças em aspectos diversos: “o amadurecimento deles em compreender que a mamãe também cansa, também tem seu limite” (Entrevistada 1); “desenvolveu outros aspectos, assim, de se expressar mesmo, sabe?” (Entrevistada 6); “eu vejo ele mais independente” (Entrevistada 10).

Entretanto, houve também entrevistadas que apresentam como categoria a não identificação de aspectos positivos: “não vejo uma coisa em que foi melhor... No geral não, tá?” (Entrevistada 7); “nenhum aspecto positivo. Só dificuldades” (Entrevistada 10).

Cabe destacar que a identificação e expressão de aspectos positivos foi maior em famílias em que os pais moram juntos e que possuem maior suporte socioeconômico. As participantes que não reconhecem aspectos positivos (Entrevistada 7 e Entrevistada 10), por exemplo, não possuem esse suporte. A entrevistada 7 é mãe solteira, autônoma e passou por dificuldades para manter a alimentação da família durante esse período. Já a entrevistada 10 trabalha fora de casa em período integral e é casada, mas o marido é caminhoneiro e passa temporadas viajando, estando pouco tempo em casa. Seu filho fica sozinho o dia todo. Uma de suas falas ilustra a pouca interação com ele nesse período: “O momento em que a gente deita na cama a noite é o único momento em que posso dar atenção para ele, então, muitas vezes, não conseguimos deixar ele dormir na cama dele, e ele dorme no nosso meio, porque é o único momento em que temos contato físico” (Entrevistada 10). Em contrapartida, tendo como exemplo a entrevistada 6 e a entrevistada 9, as famílias com estruturas mais estável são as que relatam mais aspectos positivos. Nos dois casos, as mães não trabalham por opção e ficam em casa com os filhos, e os pais têm estabilidade financeira.

Discussão

Os resultados deste estudo demonstram que a percepção dos participantes varia de acordo com as condições socioeconômicas e a configuração familiar, sendo proporcionalmente mais negativa no que diz respeito à experiência da quarentena na medida em que envolvem menor condição financeira, menor acesso à informação e configurações familiares não nucleares. Não houve, nesta pesquisa, um recorte intencional nesse sentido, visto que se trata de uma amostra por acessibilidade. No entanto, discutiremos as implicações do contexto social e econômico nos trechos a seguir.

Os resultados nos levam à necessidade de destacar que as contingências às quais um sujeito ou um grupo está submetido devem ser consideradas em contextos sociais que afetarão de forma diversa àqueles aos quais se direciona, como as mães entrevistadas, que relataram significativa sobrecarga de atividades, tendo assumido a responsabilidade pela aplicação da educação a distância e dos cuidados da casa, na maioria dos casos, sozinhas, o que comprometeu seu desempenho nessas atividades e gerou maior estresse. Esse resultado se relaciona com o papel

social que ainda é esperado delas, enquanto mulheres, de suprir as necessidades de suas famílias quanto à educação e cuidados domésticos. Apesar de as mulheres estarem assumindo novas funções, como seu posicionamento no mercado de trabalho, as atividades que antes eram incumbidas a elas por não trabalharem não têm sido redistribuídas entre os membros da família que hoje ocupam os mesmos espaços. Tal desequilíbrio tem sido potencializador da sobrecarga relatada pelas participantes deste estudo.

As mudanças na rotina e os principais desafios relatados estão especialmente relacionados à prática da educação a distância no que diz respeito ao sentimento de despreparo tanto para sua aplicação quanto para assumir o lugar de professor. Além disso, destaca-se a dificuldade na identificação dos sentimentos experimentados, que se relaciona com a falta de tempo para o autocuidado e desenvolvimento pessoal dessas mães, que também se reflete na inabilidade para discriminar as contingências em que estão inseridas – e como são afetadas pelo meio e como operam sobre ele.

As dificuldades encontradas levaram os participantes a buscar novas informações e orientações com relação a melhor forma de conduzir a interação com os filhos. Isso nos leva a destacar a importância da orientação de pais, e de que ela seja realizada de forma preventiva e também em espaços coletivos. Geralmente, ocorre em contextos privados e como forma de mediar os conflitos ou dificuldades já experimentadas, entretanto, se orientados previamente, os pais desenvolverão as habilidades necessárias para discriminar melhor as características do contexto em que estão inseridos e realizar as mudanças necessárias para uma melhor adaptação.

Por fim, este estudo contribui tanto para a comunidade acadêmica quanto para o público em geral enquanto registro histórico daquele momento, além de elucidar a influência do contexto social sobre comportamentos humanos de interação em relacionamentos familiares. Sugere-se que novos estudos sejam realizados buscando contemplar a perspectiva de outros integrantes da família, visto que, neste estudo, apenas mães foram entrevistadas, sendo esta uma limitação.

Além disso, cabe investigar se os impactos encontrados neste estudo permanecem em alguma medida após o retorno das atividades presenciais, e se as famílias tiveram seu comportamento alterado de maneira consistente, como consequência do cenário encontrado nesta pesquisa. A partir dos resultados, destaca-se a necessidade de que a orientação de pais seja realizada de forma preventiva e mais abrangente, e que as condições envolvidas no estado de quarentena, especialmente com relação à educação remota, sejam avaliadas, tendo em vista que o mundo ainda luta contra a disseminação de variantes do coronavírus, estando sujeito a novos períodos de contenção social e diante de uma possível regulamentação do *homeschooling* no Brasil, sendo discussões como esta imprescindíveis para avaliar as formas de implementação do modelo educacional. Cabe à psicologia social, enquanto ciência fundamental e indispensável, debruçar-se sobre esses fenômenos para promover saúde mental através da dimensão coletiva da existência humana considerando a compreensão dos processos psicossociais envolvidos na adoção de práticas de controle e dos efeitos sociais e psicológicos deles.

Referências

- Aguiar, B. F., Lind, J., Pasquini-Netto, H., Böger, B., Abatti, R. T. B., Ramos, M. P., & Rocha, J. L. L. (2022). Uma revisão integrativa das sequelas da Covid-19. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, 35, 1–11. <https://doi.org/10.5020/18061230.2022.12606>
- Banaco, R. A. (2008). A terapia analítico-comportamental em um grupo especial: A terapia de famílias. *Terapia Analítico-Comportamental em Grupo*, 193–212. ESETec Editores Associados.
- Bandura, A. (1986). *Social foundations of thought and action*. Prentice Hall.
- Bandura, A., & Watts, R. E. (1996). *Self-efficacy in changing societies*. Cambridge University Press.
- Barbosa, L. M. R., & Evangelista, N. S. (2017). Educação domiciliar e direito à educação: A influência norte-americana no Brasil. *Educação em Perspectiva*, 8(3), 328–344. <https://doi.org/10.22294/eduper/ppge/ufv.v8i3.907>
- Brant, R. G. C., & Mourão, H. C. (2020). Desafios do teletrabalho na pandemia Covid-19: quando o home vira office. *Caderno de Administração*, 28, 71–75. <https://doi.org/10.4025/cadadm.v28i0.53637>
- Brito, R. de O., Siveres, L., Mercado, L. P. L., & Neves Júnior, I. J. das. (2020). O diálogo e a aprendizagem com tecnologias da informação e comunicação no homeschooling. *Práxis Educativa*, 15, 1–21. <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.15.14804.029>
- Brooks, S. K., Webster, R. K., Smith, L. E., Woodland, L., Wessely, S., Greenberg, N., & Rubin, G. J. (2020). The psychological impact of quarantine and how to reduce it: Rapid review of the evidence. *The lancet*, 395(10227), 912–920. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30460-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30460-8)
- Campos, C. J. G. (2004). Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 57, 611–614. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672004000500019>
- Governo do Estado de Santa Catarina. (2020). Covid-19 – Decretos Estaduais. Portal de Dados Abertos do Estado de Santa Catarina. <https://dados.sc.gov.br/dataset/covid-19-decretos-estaduais>
- Decreto n. 9.057, de 25 de maio de 2017, Presidência da República. (2017). http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/d9057.htm
- Freitas, A. R. R., Napimoga, M., & Donalisio, M. R. (2020). Análise da gravidade da pandemia de Covid-19. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 29(2). <https://doi.org/10.5123/S1679-49742020000200008>
- Fonseca, J. J. S. (2002). *Apostila de metodologia da pesquisa científica*. João José Saraiva da Fonseca.
- Gao, G. F. (2018). From “A” IV to “Z” IKV: attacks from emerging and re-emerging pathogens. *Cell*, 172(6), 1157–1159. <https://doi.org/10.1016/j.cell.2018.02.025>
- Gerhardt, T. E., & Silveira, D. T. (2009). *Métodos de pesquisa*. Plageder.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. Atlas.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2020). *Painel de Indicadores*. Brasília, DF. <https://www.ibge.gov.br/indicadores#desemprego>
- Lakatos, E. M., & Marconi, M. D. A. (2005). *Fundamentos de metodologia científica*. Atlas.
- Legislação Covid-19, Presidência da República. (2020). http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Portaria/quadro_portaria.htm
- Lei n. 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, Presidência da República. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/L13979.htm
- Marques, E. S., Moraes, C. L. D., Hasselmann, M. H., Deslandes, S. F., & Reichenheim, M. E. (2020). A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela Covid-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. *Cadernos de Saúde Pública*, 36(4). <https://doi.org/10.1590/0102-311X00074420>
- Marshall, C., & Henderson, J. (2014). The influence of family context on adolescent depression: A literature review. *Canadian Journal of Family and Youth/Le Journal Canadien de Famille et de la Jeunesse*, 6(1), 163–187. <https://doi.org/10.29173/cjfy21488>

- Melo, B. D., Lima, C. C., Moraes, C. L. D., Andrade, C. B., Pereira, D. R., Souza, E. R. D., ... & Freitas, C. M. D. (Org) (2020). *Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia Covid-19: violência doméstica e familiar na Covid-19*. Fiocruz. <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/4112>
- Ministério da Educação. (2020) *CNE aprova diretrizes para escolas durante a pandemia*. Brasília, DF. <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=89051>
- Ministério da Saúde. (2020a). *Brasil confirma primeiro caso da doença*. Brasília, DF. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46435-brasil-confirma-primeiro-caso-de-novo-coronavirus>
- Ministério da Saúde. (2020b). *Saúde regulamenta condições de isolamento e quarentena*. Brasília, DF. <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46536-saude-regulamenta-condicoes-de-isolamento-e-quarentena>
- Ministério da Saúde. (2020c). *Sobre a doença*. Brasília, DF. <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>
- Ministério da Saúde. (2020d). *Painel Coronavírus*. Brasília, DF. <https://covid.saude.gov.br/>
- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. (2020). *Fechar escolas desestabilizou vida de crianças; como podemos ajudá-las a continuar aprendendo*. <https://nacoesunidas.org/artigo-fechar-escolas-desestabilizou-a-vida-de-criancas-em-todo-o-mundo-como-podem-os-ajuda-las-a-continuar-aprendendo/>
- Organização Mundial da Saúde. (2020). *Coronavirus disease (COVID-2019) situation reports*. <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/situation-reports>
- Projeto de Lei nº 1338. (2022). Altera as Leis nºs 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), e 8.069, de 13 de julho de 1990, (Estatuto da Criança e do Adolescente), para dispor sobre a possibilidade de oferta domiciliar da educação básica. Senado Federal. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/153194>
- Rauen, F. (2018). *Roteiros de investigação científica*. Clube de Autores.
- Recurso extraordinário com agravo n. 778141. (2018). Supremo Tribunal Federal. <http://redir.stf.jus.br/estfvisualizadorpub/jsp/consultarprocessoeletronico/ConsultarProcessoEletronico.jsf?seqobjetoincidente=4774632>
- Rocha, T. M. A., & Gurgel, P. R. H. (2018). Práticas parentais e análise do comportamento: o estado do conhecimento de teses e dissertações de 2010 a 2015. *Série-Estudos-Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB*, 241–262. <https://doi.org/10.20435/serie-estudos.v23i47.1084>
- Rubin, G. J., & Wessely, S. (2020). The psychological effects of quarantining a city. *Bmj*, 368. <https://www.bmj.com/content/368/bmj.m313>
- Salvador, C. C., Monereo, C., Bronfenbrenner, U., Castorina, J. A., Baquero, R. J., Heron, J., & Smole, K. S. (2016). *Psicologia da Educação: Série UnIA*. Penso Editora.
- Schofield, T. J., & Abraham, W. T. (2017). Intergenerational continuity in attitudes: A latent variable family fixed-effects approach. *Journal of Family Psychology*, 31(8), 1005–1016. <https://doi.org/10.1037/fam0000375>
- Teodoro, M. L., & Baptista, M. N. (2020). *Psicologia de Família: Teoria, Avaliação e Intervenção*. Artmed Editora.
- Vasconcelos, C. S., Feitosa, I. O., Medrado, P. L. R., & de Brito, A. P. B. (2020). O novo coronavírus e os impactos psicológicos da quarentena. *Desafios-Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins*, 7(Especial-3), 75–80. <https://doi.org/10.20873/uftsuple2020-8816>
- Ventura, D., Aith, F., & Rached, D. (2021). A emergência do novo coronavírus e a “lei de quarentena” no Brasil/The emergency of the new coronavirus and the “quarantine law” in Brazil. *Revista Direito e Práxis*, 12(1), 102–138. <https://doi.org/10.1590/2179-8966/2020/49180>
- Wang, C., Pan, R., Wan, X., Tan, Y., Xu, L., Ho, C. S., & Ho, R. C. (2020). Immediate psychological responses and associated factors during the initial stage of the 2019 coronavirus disease (COVID-19) epidemic among the general population in China. *International journal of environmental research and public health*, 17(5), 1729. <https://doi.org/10.3390/ijerph17051729>
- Xu, Z., Li, S., Tian, S., Li, H., & Kong, L. Q. (2020). Full spectrum of COVID-19 severity still being depicted. *The Lancet*, 395(10228), 947–948. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30308-1](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30308-1)

Zhu, N., Zhang, D., Wang, W., Li, X., Yang, B., Song, J., ... & Tan, W. (2020). A novel coronavirus from patients with pneumonia in China, 2019. *New England Journal of Medicine*. <http://doi.org/10.1056/NEJMoa2001017>

EQUIPE EDITORIAL**Editora-chefe**

Cristiane Silvestre de Paula

Editores associados

Alessandra Gotuzo Seabra

Ana Alexandra Caldas Osório

Luiz Renato Rodrigues Carreiro

Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira

Editores de seção**“Avaliação Psicológica”**

Alexandre Luiz de Oliveira Serpa

André Luiz de Carvalho Braule Pinto

Juliana Burges Sbício

Natália Becker

“Psicologia e Educação”

Alessandra Gotuzo Seabra

Carlo Schmidt

Regina Basso Zanon

“Psicologia Social e Saúde das Populações”

Enzo Banti Bissoli

Marina Xavier Carpena

“Psicologia Clínica”

Ana Alexandra Caldas Osório

Carolina Andrea Ziebold Jorquera

Julia Garcia Durand

“Desenvolvimento Humano”

Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira

Rosane Lowenthal

Suporte técnico

Camila Fragozo Ribeiro

Fernanda Antônia Bernardes

Giovana Gatto Nogueira

PRODUÇÃO EDITORIAL**Coordenação editorial**

Surane Chiliani Vellenich

Preparação de originais

Carolina Amaral (Caduá Editorial)

Revisão

Mônica de Aguiar Rocha

Diagramação

Acqua Estúdio Gráfico